

O ESPAÇO LITERÁRIO, A COMPREENSÃO POÉTICA E O CONCRETISMO EM “MORTE E VIDA SEVERINA” E “O RIO”

LITERARY SPACE, THE UNDERSTANDING POETIC AND THE CONCRETISM IN “MORTE E VIDA SEVERINA” AND “O RIO”

*José Elias PINHEIRO NETO**

*Cristina Cassiano de Moraes ALVES***

*Dayanne Pereira da SILVA****

Resumo: Este trabalho estuda o espaço literário, a compreensão da poética e o concretismo nas obras “Morte e vida severina” e “O rio” de João Cabral de Melo Neto. Este estudo está embasado em revisões bibliográficas de autores como: Bosi (1994), Borges Filho (2007), Santos (2006), Pinheiro Neto e Cavalcante (2009), Melo Neto (1983), entre outros. O poeta escreve a vida e o cotidiano do sertanejo com suas relações internas e externas. O espaço pode ser analisado pelos olhos dos personagens e/ou pelo lugar, formando um conjunto que nos faz percebê-lo. João Cabral escreve tanto o espaço físico quanto o social, que determinam sua poética, servindo de cenário para os acontecimentos. Os poemas traçam, mediante a vida ‘severina’ do retirante nordestino, a luta para chegar ao seu destino em busca de melhor vida, vivenciando as mais variadas paisagens.

Palavras-chave: Morte; Vida; Severina; Rio; Literatura.

Abstract: This paper studies the literary space, the comprehension of the poetic and concretism in the poems “Morte e vida severina” and “O rio” by João Cabral de Melo Neto. This study is grounded in reviews by authors such as Bosi (1994), Borges Filho (2007), Santos (2006), Pinheiro Neto and Cavalcante (2009), Melo Neto (1983), among others. The poet writes the daily life of the backcountry men with his internal and external relations. The space can be analyzed through the eyes of the characters and/or at the place, forming a set that makes us perceive it. João

* Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, *Campus Catalão* (UFG/CAC). Pesquisador do grupo de pesquisa GEOLITERART. Membro do grupo de Estudos Bachelardianos, no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA/UFG). Contato: joseeliaspinheiro@hotmail.com.

** Graduada em Letras - habilitação Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Unidade Universitária de Itapuranga. Contato: cristinacassiano2011@hotmail.com.

*** Graduada em Letras - habilitação Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Unidade Universitária de Itapuranga. Contato: dayannespereira@hotmail.com.

Cabral writes both the physical and the social space, that determine his poetic, serving as the backdrop for the events. The poems draw upon the 'severina' life of the migrant from Brazilian Northeast, the struggle to achieve his destiny in search for better lives, experiencing the most diverse landscapes.

Keywords: Death; Life; Severina; Rio; Literature.

Considerações iniciais

Neste trabalho estudaremos os poemas “Morte e Vida Severina” e “O rio” de João Cabral de Melo Neto. Eles são destinados a todo o público porque foram escritos para o teatro e para leitura em voz alta. Analisaremos a trajetória dos personagens, Severino um retirante nordestino que sai do sertão em busca de uma vida melhor na capital Recife, tendo em vista todo o espaço percorrido por ele ao lado do rio Capibaribe, que também desce como guia, os dois fugindo da seca. O poeta os usou para comparar a vida dos vários personagens que refletem as dos outros tantos ‘Severinos’ que saem também em busca de sobrevivência, de dias melhores.

A temática a ser estudada foi escolhida considerando que a literatura brasileira pode sustentar estudos que corroborem a compreensão de categorias físicas como espaço e paisagem, pela produção literária voltada para o concretismo. Ressaltaremos que as obras em estudo consagraram o poeta pernambucano João Cabral, buscando mostrar como esses poemas apresentam um rigor formal e concretude. Apresentaremos a forma com que o autor os constrói, sendo arquitetadamente feito ao abordar temas sobre a realidade em que a sociedade pernambucana vivia e vive até os dias de hoje, de modo que as obras deste autor influenciam na literatura para todos os públicos.

João Cabral é considerado o poeta do concreto, apresentava obras com teor bastante crítico à sociedade. Os poemas “Morte e Vida Severina” e “O rio” incentivam o leitor a refletir sobre os conflitos existenciais e sobre a realidade brasileira. Seus poemas são escritos de forma objetiva, concreta de acordo com a realidade da sociedade. Ele partiu de coisas reais para escrever seus poemas. “Morte e vida severina” e “O rio” são muitos importantes na carreira

poética de João Cabral. Neles, o autor se dedicou a explorar problemas da sociedade, a realidade do povo nordestino. Podemos perceber o interesse do poeta em tratar de assuntos distantes dos devaneios e que fazem parte do cotidiano do povo nordestino.

O trabalho se inicia com uma breve introdução sobre o espaço na literatura, o concretismo e a compreensão da poética cabralina. Sobre esses assuntos, embasamo-nos em alguns estudiosos tais como: Santos (1994), Pinheiro Neto e Cavalcante (2009), Silva (1988), dentre outros. Continuamos com a identificação da trajetória de Severino e do rio, observando e analisando o espaço, entendendo a caminhada que homem e rio fazem juntos em busca de sobrevivência, tema recorrente e fundamental na construção de toda poética de João Cabral.

Por último, analisaremos o espaço como local de acontecimentos das obras e a compreensão da concretude cabralina. O objetivo deste trabalho será uma reflexão sobre os dois poemas cabralinos nos aspectos acima delimitados. A proposta se justifica em abordar a questão do espaço literário, a compreensão da poética e o concretismo cabralino, através do estudo sobre a travessia que o retirante nordestino faz ao longo do rio Capibaribe.

Como por exemplo, podemos adiantar que o espaço percorrido por Severino pode ser identificado como interno e externo. Ambos estão interligados. Segundo Pinheiro Neto e Cavalcante: “A travessia compreendida por Severino do sertão até o litoral se dá em espaço aberto, mas a travessia do ‘ser’ de Severino ao concreto de si mesmo se dá no interior, no âmbito da memória” (2009, p. 70).

Podemos observar que João Cabral usa o tempo como inversão dos substantivos, internos e externos, ao mesmo tempo em que fala sobre a vida, fala também sobre a morte; a busca pela sobrevivência é, nesses trabalhos, sua trajetória poética e a morte é o obstáculo que impede seus personagens de viverem no sertão. Cansado de encontrar somente morte, o retirante afirma que a pouca vida que encontrou era também ‘severina’.

“Morte e vida severina” é uma obra narrada em primeira pessoa onde João Cabral conta a vida do retirante nordestino que sai do interior do país, da nascente do rio Capibaribe e vai até à capital Recife. Contudo, no poema entendemos que o autor faz uma reflexão

sobre o sofrimento do povo nordestino fazendo com que nós leitores possamos perceber a vida precária do povo nordestino e como é obrigado a procurar vida melhor em outro lugar.

O retirante busca uma vida melhor, mas, ao contrário, encontra somente sofrimento, miséria e morte por onde passa. É importante averiguarmos a preocupação que João Cabral tinha na construção de seus poemas, mantendo um rigor formal, pensando seus poemas como um alicerce, como uma estrutura arquitetada, elaborando milimetricamente todo o conjunto da obra. João Cabral amplia os recursos da comunicação visual sem desvalorizar a palavra.

O trabalho busca conhecer e analisar o espaço literário, o concretismo e a poética cabralina, por meio das análises bibliográficas. Para tal, alguns outros objetivos também nortearam as análises desenvolvidas, dentre eles: identificar e refletir sobre o espaço na compreensão da poética concreta de João Cabral de Melo Neto; analisar o espaço literário nos poemas: “Morte e vida Severina” e “O rio”; compreender o concretismo poético de João Cabral de Melo Neto e, por último, especificar o espaço como o local onde se desenvolvem todos os atos.

Abordagens teóricas do espaço na literatura

O espaço aparece com diferentes conceitos que convergem numa perspectiva de entrelaçamento entre o homem e as imagens formadoras do ambiente. Ele é modificado pelo homem através do trabalho, sobre diversas maneiras de produzir as coisas e, ainda, de ‘redesenhar’ o próprio espaço, uma vez que ele também modifica o homem. De acordo com Santos, “[...] o espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de forma que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente” (2006, p. 122).

Pinheiro Neto e Cavalcante (2009), corroborando esta ideia, aduzem que uma obra pode ser analisada na estrutura da sociedade concreta, no lugar do desenvolvimento da trama e na vida dos personagens. João Cabral nos mostra, com sua poética, as mazelas vividas pelos nordestinos brasileiros e, ainda, por todos os seus personagens, criando uma situação atual, relações internas e

externas, diacrônica. Nesse sentido, Santos escreve que

O interno é tudo que num momento dado está já presente em um lugar determinado. [...] O externo é tudo isso cuja sede é fora do lugar e tem uma escala de ação maior do que o lugar, muito embora incida sobre ele (1994, p. 96).

O espaço literário pode ser entendido como a transformação da sociedade num determinado espaço físico ou imagético. Há uma interdependência entre eles, o espaço modifica e é modificado pelo homem, mesmo sendo o homem ficcional. Por isso ele pode ser interno e externo, os espaços podem apresentar essas variáveis, como bem nos ensina Bachelard (2008, p. 23), dizendo que:

[...] quando um estudo fenomenológico dos valores de intimidades do espaço anterior, a casa é evidentemente, um ser privilegiado; isso, é claro, desde que a consideremos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os valores particulares num valor fundamental. A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens. Em ambos os casos provaremos que a imaginação aumenta os valores da realidade.

Para o autor, o que é evocado pela imaginação para externar ou reforçar qualquer sentimento de habitar são extratos da realidade. Nos poemas pesquisados podemos observar que ao mesmo tempo em que o autor fala da vida, ele fala da morte. A busca pela sobrevivência é a trajetória de seus personagens Severino e o rio. No drama “Morte e vida severina” a morte é o obstáculo que o impede de viver no sertão. Em “O rio” são as próprias águas que descem do sertão para a zona da mata, serpenteando ponto a ponto, denunciando e enfrentando as faces da morte. O que podemos perceber no trecho do poema “O rio”:

Ao entrar no Recife,
não pensem que entro só.
Entra comigo a gente
que comigo baixou
por essa velha estrada
que vem do interior;

entram comigo rios
a quem o mar chamou,
entra comigo a gente
que com o mar sonhou,
e também retirantes
em que só o suor não secou;
e entra essa gente triste,
a mais triste que já baixou,
a gente que a usina,
depois de mastigar, largou.
(MELO NETO, 1983, p. 132).

Em cada lugar existe uma dimensão e espacialidade que estão compostos de elementos que o constituem, sejam reais ou ficcionais. Os locais dos acontecimentos de toda a história são: o sertão; o agreste e a zona da mata. São estes que compõem o espaço formado pelos personagens que constituem o nordestino. Podemos evidenciar que uma determinada localidade se apresenta sempre diferente da outra, por questões sociais ou físicas: o clima, a vegetação, as pessoas, os animais cada qual fazendo parte do seu espaço e o compondo.

Todos estão em busca de vida melhor. Com base nessa assertiva, Pinheiro Neto e Cavalcante (2009), ao estudarem sobre o assunto, escrevem sobre o espaço hierárquico, ele pode ser o que se resulta do desenvolvimento de uma sociedade e a aquisição material é diferente para os que formam essa mesma sociedade. Assim, os pesquisadores quando analisam o espaço em relação ao homem, escrevem que ele deve

ser o local onde todo e qualquer ser, inclusive o humano, busca um em relação com o outro, traçar afetividades subjugadas ou pelo respeito ou pelo temor uns dos outros (PINHEIRO NETO; CAVALCANTE, 2009, p. 72).

Analisamos o espaço literário em relação ao homem, onde ele se encontra com seus semelhantes traçando afetos, respeito e temores uns pelos outros. Mostramos que os espaços físicos a serem analisados são: o sertão, o agreste e a zona da mata. Como podemos perceber o poeta descreve que tanto o espaço físico quanto o social determinam a vida dos personagens, são os cenários que desvelam as

imagens para os acontecimentos na trama. Ele pode ser também descrito detalhadamente em suas características que aparecem diluídas nas histórias que João Cabral arquitetou.

“Morte e vida severina” e “O rio” traçam, mediante a vida ‘severina’ do retirante nordestino e do rio Capibaribe, a determinação de se chegar ao seu ponto final, a ‘umidade’ da vida, mesmo sendo rio, ele vive as agruras nordestinas, serpenteando sob a vegetação da caatinga para aparecer em vida mais abaixo, vivenciando misérias, tristezas e desenhando imagens de reconquista da vida. Severino e o rio não desistem de suas ‘caminhadas’, insistindo na busca de uma vida melhor. É através desse percurso que apresentamos o espaço e o concretismo na poética de João Cabral.

No sentido em que o espaço pode também ser estudado no plano da ficção, temos Pinheiro Neto e Cavalcante afirmando ser “o espaço como o local onde ocorre todo fato resultante da introspecção humana, sendo que esta intromissão tanto pode ser real ou imaginada” (2009, p. 71). Nos dois poemas os personagens centrais participam efetivamente da narração da trama. Eles nos fazem, em determinados momentos, confundir de que lado estamos, da realidade ou da ficção, fazendo com que o texto também saia dos planos da ficção e faça parte de um contexto histórico.

De acordo com os cenários e o enredo da trama cabralina, podemos identificar o sentido estrutural da sociedade pernambucana no desenvolvimento da vida dos personagens. E essa análise pode ser feita tanto na década de 1950, quando foram escritas ou atualmente. João Cabral nos mostra a vida e o cotidiano de cada sertanejo da época, o que se confunde com os dias de hoje, onde o retirante ainda sai, contudo não mais agora vai para o Recife, mas para outros cantos do Brasil.

Os espaços se diferem em elementos que combinam cada qual com seu lugar de ocupação, “cada lugar é singular, e uma situação não é semelhante a qualquer outra. Cada lugar combina de maneiras particulares variáveis que podem, muitas vezes, ser comuns a vários lugares” (SANTOS, 1994, p. 58). O espaço é modificado pelas ações dos homens que agem sobre ele, através dos objetos, naturais e artificiais que o ser humano utiliza em seu trabalho, modificando a própria natureza e, com ela, alterando o próprio espaço em que vive.

Em nosso caso apoderarmos da arte para definirmos categorias físicas não torna o trabalho menos ou mais relevante. O importante é navegarmos em várias ciências no sentido de apoio. Contudo, sem obrigatoriedade de seguir à risca um ou outro conceito, porque “O espaço é indiferente ao problema da realidade ou irreabilidade. [...] o espaço não é real ou irreal” (BORGES FILHO, 2007, p. 17). Dessa forma, para se analisar um espaço qualquer, como nos poemas cabralinos, o nordeste e o nordestino, é preciso entender em todos os seus elementos constituintes o que se passa a trama, de como ela se forma

[...] e de suas relações entre si e com as personagens e/ou narrador. Continente, conteúdo e observador são partes integrantes de uma toponímia, pois é a junção desses três elementos que forma o que se entende por espaço (BORGES FILHO, 2007, p. 17).

O espaço pode compreender um conjunto de objetos e relações que se realizam sobre esses objetos, não somente entre eles especificamente, mas servindo de intermediários, de agentes modificadores: “Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais” (SANTOS, 1994, p. 71). Silva (1988, p. 7), nesse mesmo sentido, ensina que

O objeto lógico refere-se ao espaço. Lugar é a categoria hierarquicamente seguinte. O espaço é, pois, o maior lugar possível. O lugar manifesta-se como área, região, território. Estes são uma expressão do lugar. O espaço geográfico considerado por este caminho categorial não pode ser considerado isoladamente da população quer se trate do homem-habitante, quer do homem-produtor. Essa população percebe e toma consciência do espaço em que vive e trabalha.

De acordo com os poemas “Morte e vida severina” e “O rio” nosso estudo aborda o espaço percorrido por Severino e pelo rio Capibaribe até chegarem aos seus destinos, a capital do Pernambuco, a cidade do Recife, à procura pela vida menos ‘severina’. Ao longo de suas trajetórias eles se deparam com vidas de miséria iguais às

suas, encontrando as agruras e as várias faces da morte. Todos na mesma luta ‘severina’, fazendo parte do mesmo espaço e do mesmo sofrimento. A vegetação, o clima, o relevo as modificações feitas pelo homem formam o sertão nordestino. A humanização da natureza também faz parte do espaço que é mostrado por João Cabral. Essa humanização da natureza está assim descrita por Santos:

No começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais. À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que a cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada (2006, p. 62).

Desta forma, entendemos o espaço ‘homem’ como parte integrante da natureza, assim poetizado por João Cabral no poema “Morte e vida severina”:

Vou dizer todas as coisas
que desde já posso ver
na vida desse menino
acabado de nascer:
aprenderá a engatinhar
por aí, com aratus,
aprenderá a caminhar

na lama, como goiamuns,
e a correr o ensinarão
os anfíbios caranguejos,
pelo que será anfíbio
como a gente daqui mesmo.
Cedo aprenderá a caçar:
primeiro, com as galinhas,
que é catando pelo chão
tudo o que cheira a comida
depois, aprenderá com
outras espécies de bichos:
com os porcos nos monturos,
com os cachorros no lixo.

Vejo-o, uns anos mais tarde,
na ilha do Maruim,
vestido negro de lama,
voltar de pescar siris
e vejo-o, ainda maior,
pelo imenso lamarão
fazendo dos dedos iscas
para pescar camarão.
(MELO NETO, 1983, p. 108-109).

O homem se mistura com a terra, água e lama como uma segunda pele, para protegê-lo dos perigos que a própria natureza lhe oferece. Agora ele é parte integrante do espaço. Retiramos da ficção a realidade sentida pelo sertanejo que chega ao mangue do Capibaribe. Nesse sentido, estudando o espaço retirado de uma obra literária, Ferreira (1990) nos aponta uma importante contribuição para refletirmos no contexto de uma perspectiva experiencial:

[...] Isto ocorre, não somente em função da obra literária, mas também por ser considerada expressão legítima da própria percepção, cognição e efetividade. Neste sentido, algumas destas obras podem ser consideradas como verdadeiros laboratórios para a análise de situações experienciadas e percebidas, transformando ou não as atitudes condutas dos seres humanos em relação ao significado dos seus espaços e lugares (p. 159).

O espaço analisado nessas obras é justamente esse local percorrido por Severino e pelo rio. Percebemos todos os elementos naturais que fazem parte do espaço percorrido pelos personagens da história sendo que dependem uns dos outros para a formação de um todo, formando um todo: o sertão, o agreste e a zona da mata. “[...] o que se passa em um lugar depende da totalidade de lugares que constroem o espaço” (SANTOS, 1986, p. 122). Segundo Pinheiro Neto e Cavalcante (2009), nas obras trabalhadas há uma análise crítico-espacial da realidade em que o país atravessava e isso ainda acontece nos dias atuais. A mudança do homem do interior para a injusta luta social dos grandes centros, deixando todo o seu passado em busca de sobrevivência e quem sabe um dia voltar ao seu lugar de origem com um pouco mais de vida.

O espaço, nessas obras, é demarcado concreta e

abstratamente, pois Severino percorreu um longo caminho, descrevendo de forma real e concreta sua caminhada até a capital do Recife. O protagonista segue em busca de vida e, “[...] diferente do que pensava pelo caminho, ele somente encontra mais e mais mortes, pensando então em desistir da luta se atirando ao rio para fazer dele seu leito de morte” (PINHEIRO NETO; CAVALCANTE, 2009, p. 79). Seguindo o rio Capibaribe, Severino tece um rosário durante sua viagem, desde a nascente até a chegada ao mar. Pinheiro Neto e Cavalcante tomam os estudos de Oliveira (1994) para nos informar que “[...] para a elaboração desta obra, Cabral fez pesquisas sobre a geografia do curso do rio Capibaribe, pois a voz do poema é expressa pelo rio” (2009, p. 73); desse modo João Cabral descreve o espaço físico e social do povo nordestino.

Determinamos, também, dentro do âmbito social a angústia, do homem/rio, desde a nascente até a capital do Recife. Sobre essa dor internalizada, de acordo com Silva (1988), no estudo sobre o espaço interior,

[...] Estabeleceu-se como objetivo a consideração da formação do espaço [...] de sua estrutura, de suas características, de suas transformações e do significado desses elementos constitutivos do todo para a consciência humana (1988, p. 9).

Ao pesquisarmos o espaço literário, a compreensão da poética e o concretismo de João Cabral, ainda sobre o físico, podemos perceber que o autor aponta o clima seco do sertão que marca o tempo que Severino levou para fazer sua travessia. Vejamos:

- Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só a morte tenho encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(MELO NETO, 1983, p. 79).

No trecho citado acima João Cabral por meio da ficção passa

ao leitor uma visão crítica e social da vida sofrida do povo nordestino e com alguns trechos em seus poemas conseguiu transmitir todo o desconforto da situação vivida pelo povo.

- Até que não foi morrida,
irmão das almas,
essa foi morte matada,
numa emboscada.

[...]

- E o que havia ele feito
irmão das almas,
e o que havia ele feito
contra a tal pássara?

- Ter uns hectares de terra,
irmão das almas,
de pedra e areia lavada que cultivava.

[...]

E era grande sua lavoura,
irmão das almas,
lavoura de muitas covas, tão cobiçada?

(MELO NETO, 1983, p. 73-74).

O protagonista segue o caminho e vê a cena de uma pessoa sendo enterrada e tenta descobrir o que aconteceu. Desvenda o que havia ocorrido com aquele homem, ele lutou a vida inteira em busca da divisão justa de terras e depois de tanto batalhar o único pedaço que lhe sobrou foi aquele em que estava sendo enterrado. Aqui percebemos que João Cabral faz uma citação ao movimento social; em tempos tão longínquos o poeta traz à tona o assunto. Pinheiro Neto e Cavalcante (2009, p. 82) corroboram essa fala dizendo que

os movimentos sociais já seriam introduzidos no contexto daquela época em função de proteger os pequenos lavradores que buscavam seu sustento se, não efetivamente, mas com referencial teórico para futura instituição.

A objetividade é um dos recursos adotados por João Cabral para mostrar ao leitor um escrever mais próximo do real, de modo que se aproxima de uma cena cotidiana. Assim, o leitor se sente envolvido com a trama, pois parece algo bem perto da nossa

realidade. O retirante nordestino presencia diversas imagens durante sua caminhada. Nesse processo de longa trajetória, vários fatos ocorrem na presença de Severino e que João Cabral vai descrever na própria narrativa do protagonista. No poema “O rio”, seu curso trata de desvelar as paisagens por onde passa. Esses dois poemas ressaltam o espaço literário da poética e o concretismo do poeta João Cabral.

Os dois poemas traçam mediante suas vidas ‘severinas’ o determinar de suas tarefas, de suas sinas, até chegarem ao mar, vivenciando diversas paisagens. Pela descrição dessas imagens talvez exista a possibilidade de confundir o leitor, em determinados momentos, porque são tão reais que nos sentimos dentro do nordeste brasileiro, às margens do rio. João Cabral dá vida aos seres inanimados nos colocando dentro de sua concretude poética, em dúvida, se lemos ficção ou realidade.

O concretismo literário

De acordo com Bosi (1994), o concretismo literário teve início, no Brasil, na década de 1950, em São Paulo, expressão mais atuante da vanguarda estética brasileira conhecida como a geração de 45, com características especiais como retratar com mais realismo a emoção, as preocupações sociais e políticas do país e do mundo. Esse estilo influenciou vários poetas, artistas plásticos e músicos e é até os nossos dias uma das principais correntes de nossa literatura. Os precursores desse estilo literário são: Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos.

Entre os poetas que participaram do movimento concretista está João Cabral de Melo Neto. Na construção da poesia eles acreditavam que vocábulos como: copo, rio, pedra e nuvem também estavam carregados de aspectos literários, bastava fazê-las como a construção de um prédio, arquitetadamente. Por essa razão, João Cabral levava até mais de um ano para ‘construir’ um poema.

Os concretistas retomam algumas das características obtidas pela corrente vanguardista iniciada no século XX. Dentre elas estão o Futurismo e o Cubismo. E mais, há uma ruptura da poética como discurso feito pelo verso tradicional. Esses poetas se apegam ao visual para denunciar, poetizar ou trazer para ficção uma realidade

vivida pela sociedade. Como afirma Bosi (1994, p. 476),

[...] Os poetas concretos preocupavam com a estrutura do verso, exaltação do imaginário e do inventivo no fazer poético. São processos que visam atingir e a explorar as camadas materiais do significante (o som, a letra impressa, a linha, a superfície da página, eventualmente a cor, a massa) e, por isso, levam a rejeitar toda concepção que esgote nos temas ou na realidade psíquica do emissor o interesse e a valia da obra. A poesia concreta quer-se abertamente antiexpressionista. O concretismo toma a sério, e de modo radical, a definição de arte como *techné*, isto é, como atividade produtora.

A estética do concretismo busca uma apuração pelo verso. O objetivo disto está na redescoberta da pesquisa literária com um combate a metrificacão parnasiana. Em seu início essa corrente literária primava pelo ritmo, pelo som e pelo próprio vocábulo. Com uma temática voltada exclusivamente para os problemas sociais. João Cabral de Melo Neto foi um dos principais poetas desse movimento pós-modernista. Junto com outros poetas, eles pretendiam ampliar os recursos da comunicação visual, sem desvalorizar a palavra. Para Bosi (1994, p. 71),

[...] Os teóricos do concretismo dão como ponto de partida da sua poética o texto de Mallarmé (1897), primeiro poema em que a comunicação não se faz no nível do tempo, mas no da própria estrutura verbo-visual.

Ainda segundo Bosi (1994), no concretismo a poesia era como temática social e passou a ser a preocupação central dos autores, que buscavam desenvolver esta nova forma em seus poemas, sendo que o rigor formal foi abandonado pelos primeiros modernistas. Cerca de 30 anos após a realização da Semana de Arte Moderna, o que se viam eram poetas empenhados na afirmação estética e, para tanto, desenvolviam temas sérios, procurando o equilíbrio em suas composições.

No poema “Morte e vida severina” o autor ‘pinta’ o cenário nordestino, com todas as suas amarguras e asperezas. Ele combina o rigor da composição a um tema que é questionado pelos escritores nordestinos: o sofrimento e a pobreza dos retirantes expulsos da terra

natal pela seca desoladora. Além disso, é importante averiguarmos a preocupação que João Cabral tinha na concretização do tema, ele trazia a poética como concreto em suas obras, tornando seus poemas como um alicerce, como uma estrutura bem arquitetada, elaborando todo o conjunto da obra. Desta forma, Coutinho e Faria (1986) afirmam que poesia concreta

está caracterizada principalmente por poemas realizados dentro de estruturas próprias e visuais, com formas de geometrização, antagônicas aos recursos poéticos tradicionais de então, o a velha estrutura sintático (p. 230).

De acordo com Infante, na construção de uma obra literária, “[...] a elaboração da mensagem utiliza recursos de forma e de conteúdo que chamam nossa atenção para a própria mensagem” (1998, p. 270). João Cabral de Melo Neto sempre procurou a palavra correta para nos falar da realidade nordestina. Em “Morte e vida severina” e “O rio” usa o tempo, a seca, o clima, a vegetação tudo de acordo com o sofrimento do povo que vivia no sertão, nos mostrando de forma real todo sofrimento e a busca de sobrevivência em outro lugar. Concordando com Bosi (1994), podemos afirmar que a geração de 45 teve como base a pesquisa estética e a renovação das formas de expressão literária, tanto na poesia quanto na prosa. Os autores concretistas queriam uma literatura que fosse essencialmente ideológica, voltada para a discussão dos problemas brasileiros.

Na construção literária, além da preocupação com a forma, os autores concretistas preservavam a questão social. Para os líderes do movimento concretista o apelo à comunicação não é unicamente verbal. Eles partem de coisas concretas para poetizar, buscando aspectos da realidade como elemento físico, existente na estrutura do poema, propiciando assim o uso construtivo dos espaços, dos devaneios. As semelhanças sonoras exploram o construto, preocupando sempre com a estrutura do verso.

No âmbito da concretude a poesia tem que ser real e participativa, de compromisso sociopolítico, com objetivo primordial de usar a arte em favor de expressões cotidianas. No concretismo, os poetas demonstram seus movimentos artísticos de maior expressão. Ao lermos de João Cabral percebemos uma conciliação destas características, ‘pintando’ as paisagens do nordeste, como no trecho

do poema dramático “Morte e vida severina”:

Somos muitos severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mas extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o severino
que em vossa presença emigra.
(MELO NETO, 1983, p. 71-72).

Como podemos perceber no trecho do poema acima, João Cabral usa uma linguagem permeada de expressões com musicalidade popular, com uma oralidade bastante forte. Intensifica a tensão dramática. Denuncia, ao mesmo tempo de forma implacável, os fatores que o impelem a peregrinar. A seca que assola o sertão e a falta de trabalho. João Cabral foi um poeta de grande destaque no movimento concretista, sua poesia é uma tentativa de desvendar os elementos concretos da realidade, que se apresentam como um desafio para a inteligência do poeta. Sempre guiado por raciocínio e pela lógica, seus poemas não são somente devaneios poéticos, atingir a essência das coisas é o seu objetivo.

De acordo com Maia a principal característica do concretismo é a “[...] possibilidade de múltiplas leituras, pela abolição do verso tradicional: leitura vertical, horizontal, diagonal” (1995, p. 303-304). Decorre daí as características, tais como: o aproveitamento do espaço, exploração do significante, decomposição e montagem de palavras, rejeição do lirismo e do tema. João Cabral foi uma pessoa que gostava de impor em seus poemas a originalidade, chamando a atenção do leitor-ouvinte, e por isso foi um grande participante do movimento concretista da geração de 45. Precisamos entender o processo que forma a vida poética cabralina para que possamos compreender o que está envolvido de paisagens e

espaços em sua literatura.

O espaço como local de acontecimentos nas obras concretas cabralinas

Ao longo do poema “O rio” é interessante observarmos que João Cabral dá voz ao rio e assim como Severino conta sua caminhada. O rio também conta a passagem dos sertanejos em busca de sobrevivência, ele também sofre com a seca que maltrata o homem, a vegetação, o clima e todos que fazem parte daquele espaço. Ele relata a dureza da vida e a luta pela sobrevivência, fazendo imaginarmos e ao mesmo tempo participarmos do sofrimento dos retirantes que buscam vida em outro lugar.

De acordo com Araújo (1999),

Embora o rio Capibaribe seja o enunciador do próprio discurso e ocorra mesmo uma analogia entre fluvial, animal e humano, a primeira pessoa do singular não ameniza as asperezas do curso e do discurso do rio (p. 129).

Podemos confirmar essa fala no poema onde o personagem rio narra à história em primeira pessoa do singular se misturando ao homem e aos bichos:

Sempre pensara em ir
caminho do mar.
Para os bichos e rios
nascer já e caminhar.
Eu não sei o que os rios
têm de homem do mar;
sei que se sente o mesmo
e exigente chamar.
(MELO NETO, 1983, p. 114).

Severino se sente cansado da viagem e, então, pensa em interrompê-la: passa por diversas situações difíceis à procura de trabalho e uma delas é retratada no poema e, como o rio, também ‘pensa’ na interrupção:

Penso agora: mas por que
parar aqui eu não podia
e como o Capibaribe
interromper minha linha?
ao menos até que as águas
de uma próxima invernia
me levem direto ao mar
ao refazer sua rotina?
Na verdade, por uns tempos,
parar aqui eu bem podia
e retomar a viagem
quando vencesse a fadiga.
(MELO NETO, 1983, p. 79-80).

Podemos perceber, ao longo dos poemas analisados, que Severino e o rio passam por três localidades, saindo do agreste seguindo para o sertão e por fim chegando na zona da mata, onde findam suas ‘caminhadas’, percebendo que também nessa última encontram muitos problemas como miséria e mortes, fazendo-os acreditarem que em todos os lugares existem dificuldades. Como bem nos mostra Araújo (1999), dizendo que:

Assim, este Capibaribe, que também é retirante, atravessa sertão, agreste e zona da mata, as três subdivisões do Nordeste, para desaguar no Recife. E no trajeto registra a paisagem, o homem nordestino e suas carências. Sendo assim, é natural que o esforço descritivo resseque as possibilidades líricas do eu que se expõe na condição de rio (p. 130).

João Cabral quando escreve “Morte e vida severina” se identifica com o personagem Severino, no decorrer de sua vida também vive se retirando, buscando novas possibilidades de vida. Entendemos que o espaço literário compreende, tanto físico como psicológico, todo o enredo, tais como: o lugar da trama, os personagens, o clima, a vegetação e tudo que faz parte da história.

Ao lermos João Cabral percebemos o concretismo poético, ele parte de coisas reais para escrever seus poemas. O poeta viveu grande parte de sua vida no nordeste brasileiro, viu as agruras do povo, a luta com a seca, criou sua poética partindo da realidade nordestina. Aproxima a ficção da realidade e num processo mimético

apresenta coisas do seu cotidiano como um processo de extração histórica.

O poeta deixa-nos a sua busca constante pelo concreto, justificando as descrições realizadas em seus poemas, traçando metas e focalizando sempre o alvo que será atingido. Compreende como ápice dos acontecimentos que envolvem concretude e objetividade, a formalização da poética que constrói veracidades que formam o processo histórico e social que nos deixam provas das transformações no decorrer do tempo. Sobre o assunto Bosi diz que:

O poeta aguça o seu modo de ver e dizer a paisagem e os objetos, extraindo-lhes a formas mais duras [...] levando ao extremo o intuito de despir o poema de traços supérfluos e cadências sentimentais. Constrói assim uma poesia arduamente nominal, que se vale dos perfis do concreto para atingir a pureza da abstração (1994, p. 471).

Podemos notar em “Morte e vida severina” e em “O rio” que dentro de todo este processo arquitetado conseguimos manter uma relação de entendimento entre elas e o espaço. João Cabral tem como foco principal descrever a realidade da sociedade nordestina.

O poeta partiu de coisas concretas para escrever seus trabalhos, vale dizer que esses dois poemas seguem quase toda a estrutura cabralina. O autor nos mostra o sofrimento do povo nordestino, com palavras próximas da nossa realidade. Percebemos ainda que João Cabral fez um estudo da geografia por onde passam Severino e o rio.

No poema, “O rio”, podemos perceber a forma poética com que João Cabral transcreve as paisagens que formam o ambiente nordestino, fazendo-nos integrar a realidade vivida pelos protagonistas, onde junto com Severino representam todos os viventes que buscam vida melhor em outro lugar, deixando para trás todo o sofrimento da seca. O poeta escreve:

Por trás do que lembro,
ouvi de uma terra deserta,
vaziada, não vazia,
mais que seca, calcinada.
De onde tudo fugia,

onde só pedra é que ficava,
pedras e poucos homens
com raízes de pedra, ou de cabra.
Lá o céu perdia as nuvens,
derradeiras de suas aves;
as árvores, a sombra,
que nelas já não pousava.
Tudo o que não fugia,
gaviões, urubus, plantas bravas,
a terra devastada
ainda mais fundo devastava.
(MELO NETO, 1983, p. 115).

Para trás uma terra ‘vaziada, não vazia’ de onde até mesmo o rio foge e procura encontrar refúgio no mar. Todos se misturam na mesma busca pela sobrevivência, tanto o homem como o rio. Na caminhada encontram a difícil realidade que os coloca numa relação amigável, de proximidade. “Sou viajante calado, / para ouvir histórias, / junto de quem podeis / pensar alto, falar só. / o rio é o companheiro melhor” (MELO NETO, 1983, p. 119). Relação dada entre o homem, o rio e a cidade que ali se interconectam e juntos traçam suas sinas.

Ao analisarmos o espaço literário e o concretismo nesses poemas tentamos abrir caminho para novos entendimentos dentro do saber literário. Focalizamos a travessia do retirante, buscando descortinar alguns pontos do espaço percorrido pelos dois protagonistas: Severino e o rio, com esperança de vida num contexto de sucessivas mortes, provocadas pela miséria e pelo abandono, demonstrando a dureza física do nordeste brasileiro.

João Cabral descreve um local muito seco de vegetação rala onde o homem é maltratado pelos raios solares e expulso de sua terra natal, percorre um espaço físico até chegar à zona da mata. E nessa caminhada enfrenta também um espaço de luta e resistência interior. Distante do seu lugar se contrapõe à ideia de morte ao ver a vida que se faz.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho apontamos algumas características

do espaço dentro das obras onde Severino e o rio, personagens principais, saem do sertão nordestino para a cidade do Recife à procura de vida melhor; buscamos também compreender o concretismo literário na poética de João Cabral de Melo Neto.

Em primeiro momento, tentamos demonstrar os aspectos que aparecem com diferentes conceitos para o homem. É a imagem formadora do ambiente que apresenta o sertão nordestino. Buscamos ainda compreender o concretismo, movimento da década de 1950, onde os autores buscavam retratar a realidade com mais objetividade e emoção, com a purificação do verso, valorizando o ritmo, o som e a própria palavra.

João Cabral de Melo Neto foi um deles. Esse movimento literário foi um dos mais importantes do nosso contexto artístico e não apenas pela importante posição ocupada na poesia brasileira, mas também como contribuição para uma poética com uma criatividade de conteúdo social, e ainda, “Exerceu e exerce grande influência a partir de seu aparecimento e florescimento maior, tanto no campo poético como nas demais áreas artísticas, plásticas e visuais, de modo geral” (COUTINHO; FARIA, 1986, p. 230).

Os personagens vivenciam seus conflitos e enfrentam suas dificuldades. O poeta traça a dura existência no sertão nordestino, em que natureza e homem se fundem na tentativa de sobreviverem às agruras do local. “Morte e vida severina” conta a história de um retirante nordestino que sai da nascente do rio Capibaribe determinado a chegar em seu destino, a cidade do Recife, à procura de uma vida digna para um ser humano. O rio Capibaribe é o seu guia durante sua viagem onde vê e sofre também com a seca desoladora que maltrata tanto o homem como o rio.

“O rio” é narrado pelas próprias águas e conta todo o sofrimento do povo nordestino e também descreve as paisagens nordestinas, do agreste até a zona da mata, passando pelo mesmo sofrimento à procura de refúgio no mar. Empreendemos nessa análise da trajetória dos dois personagens revelando alguns aspectos do espaço percorrido por Severino do agreste até a cidade do Recife.

Acreditamos que a literatura pode ajudar a compreensão da evolução histórica e na construção de um determinado local. Serve, mesmo distante da ciência, como aporte de extração de provas que comprovam o desenvolvimento e a alteração no decorrer dos tempos.

E, ainda, como aporte para definição de categorias em outras ciências. Nos poemas analisados, retiramos alguns aspectos importantes como o espaço na literatura para comprovar que a poética de João Cabral nos dá um arcabouço necessário para mostrar como se desenvolvem os locais por onde passam Severino e o rio.

Referências

ARAÚJO, Homero José Viseu. *O poema no sistema: a peculiaridade do antilríco João Cabral na poesia brasileira*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço & literatura: introdução à topoanálise*. Franca-SP: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

COUTINHO, Afrânio; FARIA Eduardo de. *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1986.

FERREIRA, Solange Terezinha de Lima. *A percepção geográfica da paisagem dos gerais no “Grande Sertão: veredas”*. 1990. 201 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. Rio Claro-SP, 1990.

INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto: curso prático de leitura e redação*. São Paulo: Scipione, 1998.

MAIA, João. D. *Literatura: textos e técnicas*. São Paulo. Ática. 1995.

MELO NETO, João Cabral. *Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta*. 18. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

OLIVEIRA, Marly de. João Cabral de Melo Neto: Breve introdução uma leitura de sua obra. In: _____. *João Cabral de Melo Neto -*

Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 69-85.

PINHEIRO NETO, José Elias; CAVALCANTE, Maria Imaculada. O espaço e as mortes em *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto. *Linguagem - Estudos e Pesquisas*, Catalão, v. 13, p. 69-85, 2009.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

———. *A natureza do espaço: técnicas e tempo, razão e emoção*. 4 ed., 2 reimp., São Paulo: Editora da USP, 2006.

———. *Por uma nova Geografia*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

SILVA, Armando Correia da. *O espaço fora do lugar*. 2. ed. São Paulo: Brasil, 1988.

Recebido em 20/03/2013

Aceito em 10/04/2013